

O RIO E O TEMPO, GUIMARÃES ROSA E MIA COUTO

ROSA, Victória Mayara¹

ZARDO, Noiara Paim²

Apesar das diferentes estéticas literárias de Guimarães Rosa e Mia Couto, esses dois escritores se assemelham ao abordar temas como o homem, o tempo e a morte nas obras “A terceira Margem do Rio” e “Nas águas do tempo”, respectivamente. Em ambos os contos é apresentado uma relação simbólica entre o tempo e o rio, que aliás dialoga com a morte. O tempo é representado pelo movimento das águas e a morte é exposta de forma metafórica e eufêmica, simbolizando um eterno recomeço. Podemos perceber que nas duas obras existe uma comunicação entre os vivos e os mortos, mesclando esses dois mundos, discorrendo assim uma infinitude temporal, tornando a temática da passagem um constituinte e não fim em si mesma. Em uma a morte é simbolizada pelo transcurso de uma margem a outra do rio, já em outra a morte é caracterizada pelo curso para a terceira margem do rio.

PALAVRAS-CHAVE: Mia Couto, Guimarães Rosa, A terceira Margem do Rio, Nas águas do tempo.

1. INTRODUÇÃO

Analisando os contos "Nas águas do tempo" e "A terceira Margem do Rio" conseguimos perceber semelhanças no tema e na forma como ele é abordado. Em ambos os textos é apresentada a morte de forma simbólica e eufêmica, e o tempo é simbolizado pelo movimento das águas. O primeiro conto foi escrito por Mia Couto, um grande escritor moçambicano que tenta reproduzir fielmente as tradições do seu povo e repassá-las para que não se percam, considerando que no período colonial do país, houve uma tentativa de apagar elementos culturais nativos. Na obra do escritor Guimarães Rosa existe, como no conto do escritor moçambicano, uma simbologia na busca pelo autoconhecimento e pela transmissão da tradição, um pai de família se isola do mundo em sua canoa em um rio e só demonstra sinal de aproximação quando o filho propõe trocar de lugar com ele. Em ambas obras os personagens parecem peregrinar pelas veredas da memória, caminhar pelos labirintos de sua psique, ser guiados pelos fios das experiências por eles vividas e não completamente desenvolvidas no plano da consciência.

¹Aluna do curso de graduação em Letras, Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. 6º período. E-mail: vickmaya@hotmail.com

²Especialista em Literatura Professora Orientadora docente do Curso de Letras do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. E-mail: noiara@fag.edu.br

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 GUIMARÃES ROSA

João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo (MG) no dia 27 de junho de 1908, foi médico, diplomata, e um dos maiores nomes da literatura brasileira, um poeta da vida. O livro "Primeiras estórias" faz parte da terceira fase do Modernismo brasileiro e foi publicado em 1962. As 21 estórias são narrativas que tematizam, simbolicamente, os segredos da existência humana. Nesses contos, o autor busca recuperar na escrita, a fala das personagens do sertão mineiro; a poesia presente nas imagens, sons e estruturas de uma linguagem que está à margem da norma estabelecida pelos padrões urbanos.

Em "Primeiras Estórias" a relação com a morte e com o desejo de imortalidade está presente com mais intensidade do que nas outras obras do autor. Em cada um dos contos deste livro o narrador configura sua experiência de forma diferente, transpondo estágios emocionais distintos, conforme o ponto do percurso em que se encontra. Os personagens de Rosa parecem peregrinar pelas veredas da memória, caminhar pelos labirintos de sua psique, ser guiados pelos fios das experiências por eles vividas e não completamente desenvolvidas no plano da consciência. Eles são instigados pela necessidade de transmitir suas vivências, para melhor compreendê-las em sua mente consciente. Diante do período de tempo transcorrido, os protagonistas mantêm uma constante atitude interrogativa.

Presente na obra "Primeiras Estórias" há no conto "A terceira Margem do Rio" diversas vozes, marcadas pela imagem do próprio rio que ela descreve. O leitor é levado a uma reflexão sobre o que seria essa terceira margem do rio, já que no subconsciente nossa memória discursiva remete a apenas duas. Em qual tempo e espaço estaria essa terceira margem? Na busca de tal resposta, ele permanece prisioneiro de suas próprias indagações. O conto é narrado em primeira pessoa e existe no conto uma intertextualidade bíblica com Noé. O tempo cronológico é de um longo período, toda a vida do narrador, mas a intensidade com que o amadurecimento do narrador é trabalhado dá enfoque ao tempo psicológico. O espaço é delimitado pelo rio, caracterizando a paisagem rural de sempre, desse espaço emanam magia e transcendentalismo, no ir e vir do rio e da vida.

O pai, ao ir à procura da terceira margem do rio, busca o desconhecido dentro de si mesmo; o isolamento é a única maneira encontrada para tentar entender os mistérios da alma, o

incompreensível da vida. A estranha história do homem que abandona sua família para viver em uma canoa e nunca mais sair dela é o argumento exemplar usado pelo autor para discorrer sobre o medo do desconhecido.

O rio sempre teve destaque nas criações de Guimarães, em uma entrevista ele declarou:

(..) amo os grandes rios, pois são profundos como a alma do homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como os sofrimentos dos homens. Amo ainda mais uma coisa de nossos grandes rios: a eternidade. Sim, rio é uma palavra mágica para conjugar a eternidade. (ROSA, 1965)

2.2 MIA COUTO

Mia Couto escreve sobre o seu país, Moçambique (África), considerando que no período colonial do país, houve uma tentativa de apagar elementos culturais nativos, compreendemos que a busca pelas tradições é parte importante da formação dessa sociedade. Essa busca é uma das propostas de Couto ao estabelecer a temática de suas obras e assumir o papel de propagador das tradições e crenças de seu povo.

O pós-guerra é o principal tema do livro, porém há outros temas, dentro deste único universo. E dentro disso tudo, o estilo tão peculiar de Mia Couto, que brinca constantemente com o real e o imaginário: “Estas estórias foram escritas depois da guerra. Por incontáveis anos as armas tinham vertido luto no chão de Moçambique. Estes textos me surgiram entre as margens da mágica e da esperança.” (COUTO, 2003, p. 5). Couto mescla oralidade e escrita ao elaborar narrativas que conectam água e tempo. Segundo ele, ouvir histórias, observar as pessoas a sua volta e captar detalhes do cotidiano são os recursos que utiliza no seu processo de criação literária.

O primeiro conto chamado “Nas águas do tempo” mostra a relação entre avô e neto, e enfatiza a importância de ouvir, respeitar e propagar as tradições passadas de geração em geração. Com suas histórias reais e mágicas, Couto nos mostra a cruza da guerra, os seus estragos e do quanto é importante resgatar o sentido da vida, mesmo quando não há desejo e percepção sobre as próprias mudanças da alma.

3. METODOLOGIA

3.1 A TERCEIRA MARGEM DO RIO

Publicado em 1962, no livro “Primeiras Estórias”, o conto “A terceira Margem do Rio” expõe a espera, o tempo e as relações familiares, principalmente de pai e filho à beira de um rio sendo ele a enunciação do tempo, de ir, devir. O conto conta a história de uma família ribeirinha na qual o

chefe da família é bom, honesto e sensato. “Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo” (ROSA, 2001, p.66). O verbo ser no pretérito imperfeito, “era”, já aponta para uma situação que não mais se firma, já que, se o homem era, o homem não é mais: ou pelo fato desse sujeito já estar morto, ou pelo fato de, atualmente, ser outra coisa, que difere das características apontadas para o pai “cumpridor, ordeiro”.

Ainda no primeiro parágrafo, o filho caracteriza o pai, aproximando-o de outros, como se fosse alguém comum: “[...] não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos [...]” (ROSA, 2001, p.66). Porém, logo em seguida uma característica do pai é exaltada: “Só quieto” (ROSA, 2001, p.66). Tal qual o pai, o rio é caracterizado, inicialmente, por meio de três adjetivos: “[...] o rio se estendendo grande, fundo, calado [...]” (ROSA, 2001, p.66). Logo após, um adjetivo é destacado: “Largo, de não se poder ver a forma da outra beira” (ROSA, 2001, p.66). Essas semelhanças constituem praticamente uma fusão de ambos.

Porém, tudo muda quando esse pai decide construir uma canoa para navegar pelo rio, ele evade de toda e qualquer convivência com a família e a sociedade, preferindo a completa solidão do rio, lugar em que dentro de uma canoa, rema “rio abaixo, rio afora, rio a dentro” (ROSA, 2001, p.70). Desde que entra nessa canoa ele não se comunica com ninguém e ele nunca mais sai dela. O que seria essa terceira margem do Rio que este homem tanto procura? Um rio tem apenas duas margens, é impossível não deduzir que esta terceira simboliza algo abstrato. Portanto, é possível dizer que esse homem buscava a si mesmo. A terceira margem é aquilo que não se pode ver, nem tocar, logo não é possível conhecê-la.

O narrador se refere ao pai sempre com o pronome possessivo nosso – “nosso pai” –, isso desperta uma inversão: pai nosso. Esse pai assemelha-se ao Pai da Bíblia por mobilizar-se entre dois mundos e por lhe ser dado o poder de alterar a vida de todos, ainda que não pareça estar presente. A própria caracterização do pai e do rio, faz ecoar na memória o Deus bíblico que é Pai, Filho e Espírito Santo, três em “um apenas”. A ação do filho também contribui para que haja tal associação, já que se assemelha a um discípulo com a missão de propagar a história do Pai.

Ao contradizer os padrões de comportamento, esse remador solitário é tido como desequilibrado. O narrador do conto é o seu filho, ele relata todas as tentativas de comunicação da família e dos amigos com esse homem, eles tentam em vão persuadi-lo a deixar a canoa e voltar para casa. O tempo passa e a família acaba se acostumando com essa situação. Todos seguem suas vidas e tomam seus rumos. A filha casa-se, tem filho e muda-se para cidade levando sua mãe

consigo, o outro filho muda-se também, resta apenas o narrador que continua tentando compreender o porquê da ausência de seu pai, sua vida torna-se reclusa e solitária. “Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio-pondo perpétuo” (ROSA, 2001, p.69).

Culpa e perdão, sentimentos que partem do filho no conto, também trazem à tona a temática religiosa. O filho refere-se à culpa de forma enfática, por meio da repetição, por exemplo, do adjetivo “tanta”: “De que era que eu tinha tanta, tanta culpa?” (ROSA, 2001, p.69). Já no penúltimo parágrafo, enfatiza o perdão: “E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão” (ROSA, 2001, p.70).

Passa-se muito tempo e esse homem continua em sua canoa, percebemos essa passagem de tempo ao narrador relatar que está chegando à velhice, “E apontavam já em mim uns primeiros cabelos brancos” (ROSA, 2001, p.69). E então esse filho tenta mais uma vez contato com seu velho pai, quem ele imagina estar sofrendo muito, pois ficara anos ao relento naquele rio. Ao visualizar seu pai na canoa propõe-lhe mudar de lugar com ele, já que ele estava muito velho e precisava descansar. “Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto. Agora, o senhor vem, não carece mais...O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa” (ROSA, 2001, p.69). O pai concorda e faz o primeiro gesto em anos, seguido pela sua aproximação à margem do rio. Porém, quando seu filho o vê, sente medo e acaba correndo dali, pois, visualiza seu pai como se ele estivesse vindo do além vida, muito arrependido se sente posteriormente. “Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte do além” (ROSA, 2001, p.70). Ao tentar seguir os mesmos passos do pai, tornar-se o próprio rio, o filho se caracteriza também, porém agora em uma tríade de substantivos:

- Caracterização do pai: “Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo [...] Só quieto [...]” (ROSA, 2001, p.66);
- Caracterização do rio: “[...] o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira” (ROSA, 2001, p.66);
- Constituição do filho: “[...] eu, rio abaixo, rio afora, rio adentro — o rio” (ROSA, 2001, p.70).

Pode-se dizer que durante todo o conto o discurso do pai é sempre gestual, ao descrever a linguagem corporal do pai, o filho realiza tal feito como se fosse um discurso indireto, fato que impossibilita o discurso do pai. Cada gesto é carregado de significados.

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! (ROSA, 2001, p.69-70).

Assim, o enunciador (filho) se acentua no tempo da enunciação, enquanto o pai figura no tempo do enunciado. Na busca constante do filho em reencontrar-se com seu pai, além do próprio desejo de assumir o lugar dele, percebeu-se a clara tríade mestra do conto: pai, filho e rio.

3.2 NAS ÁGUAS DO TEMPO

Presente no livro “Estórias abensonhadas”, o conto “Nas águas do tempo” nos apresenta uma história repleta de simbologia e traços culturais africanos. Na história um avô transmite seus conhecimentos religiosos e culturais ao neto, o narrador desta história é o próprio neto. Uma das frequentes apresentações dessa cultura para o neto eram os passeios ao lago, onde ele sempre acenava um pano vermelho em direção à margem oposta. O menino nunca havia compreendido esse aceno, pois afinal nunca vira ninguém na outra margem, porém seu avô insistia em dizer que havia um outro alguém acenando de volta um pano branco e que isso era extremamente necessário. “Nunca, nem por instante, vislumbrei por ali alma deste ou de outro mundo. Mas, o avô acenava seu pano” (COUTO, 2003, p. 5). Essa transmissão de conhecimento, ocorre não só pelo uso das palavras, mas também pelo silêncio que representa uma reflexão interior, uma busca transcendental pelas crenças ancestrais.

Meu avô, nesses dias, me levava rio abaixo, enfilado em seu pequeno concho. Ele remava, devagaroso, somente raspando o remo na correnteza. O barquito cabecinhava, onda cá, onda lá, parecendo ir mais sozinho que um tronco desabandonado. – Mas vocês vão aonde? Era a aflição de minha mãe. O velho sorria. Os dentes nele, eram um artigo indefinido. Vovô era dos se calam por saber e conversam mesmo sem nada falarem.– Voltamos antes de um agorinha, respondia (COUTO, 2003, p. 13).

É possível visualizar essa representação da conservação da cultura na comunicação entre homens e espíritos apresentada no texto.

Naquelas inquietas calmarias, sobre as águas nenufaralhudas, nós éramos os únicos que preponderávamos. Nosso barquito ficava ali, quieto, soncando no suave embalo. O avô calado, espiava as longínquas margens. Tudo em volta mergulhava em cacimbações, sombras feitas da própria luz, fosse ali a manhã eternamente ensonada. Ficávamos assim, como em reza, tão quietos que parecíamos perfeitos. De repente, meu avô se erguia no concho. Com o balanço quase o barco nos deitava fora. O velho, excitado, acenava. Tirava seu pano vermelho e agitava-o com decisão. A quem acenava ele? Talvez era a ninguém. (COUTO, 2003, p. 14).

Sempre quando estavam no lago o avô recolhia água a favor da correnteza e sempre alertava seu neto a fazer o mesmo, pois, segundo ele, tirar água no sentido contrário poderia trazer desgraça. “Não se pode contrariar os espíritos que fluem”, dizia ele. (COUTO, 2003, p. 5). A mãe do menino

não gostava que ele ia ao lago, “temia as ameaças que ali moravam” (COUTO, 2003, p. 6). E mais uma vez temos a transmissão dessas crenças, de mãe para o filho, já que ela falava de um fantasma que pairava por ali, o *Namwetxo*.

- Ao menos vissem o *Namwetxo Moha*! Ainda ganhávamos vantagem de uma boa sorte... O *Namwetxo Moha* era o fantasma que surgia á noite, feito só de metades: um olho, uma perna, um braço. Nós éramos miúdos e saíamos, aventureiros, procurando o moha. Mas nunca nos foi visto tal monstro. (COUTO, 2003, p. 6)

Essa narração também se trata de uma transcrição da infância desse menino, que nos conta a morte de seu avô. Os personagens não possuem nomes e representam diretamente seus papéis, o do neto, o da mãe e do avô, retratando diferentes gerações que repassam suas tradições. Essa é uma importante característica da cultura africana: Os velhos expressam um saber que soma conhecimento ancestral a vida presente, tornando a história cultural e religiosa permanente. Os jovens são os receptores dessas tradições que devem ser repassadas e perpetuadas.

Em certa ocasião o avô e o neto estavam no lago esperando os acenos da margem vizinha quando o menino decidiu que queria conhecer o outro lado, coisa expressamente proibida por seu avô. “Nunca! Nunca faça isso! (...) Neste lugar, não há pedacinhos. Todo o tempo, a partir daqui, são eternidades”, disse-lhe ele. (COUTO, 2003, p. 7). Teimoso, o menino se aventurou indo em direção ao solo proibido, ainda na água uma força o puxa para baixo, seu avô tenta segurar-lhe, porém isso só faz com que o barco virasse e eles vão parar na água. Estão lutando para sair dali, quando o avô decide acenar seu pano, insiste para que o menino faça o mesmo e quando o faz tudo para e eles conseguem voltar para o barco. Ao voltar para casa seu avô lhe conta o porquê do aceno com o pano, história essa que não nos confia o narrador. E então o avô lhe fala sobre o comportamento humano, analisando-o sob a sua perspectiva, de acordo com as suas experiências, assumindo assim, a sua responsabilidade como transmissor de conhecimento e perpetuador da tradição.

Ao amarrar o barco, o velho me pediu: – Não conte nada o que se passou. Nem a ninguém, ouviu? Nessa noite, ele me explicou suas escondidas razões. Meus ouvidos se arregalavam para lhe decifrar a voz rouca. Nem tudo entendi. No mais ou menos, ele falou assim: nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos. O que acontece meu filho, é que quase todos estão cegos, deixaram de ver esses outros que nos visitam. Os outros? Sim, esses que nos acenam da outra margem. E assim lhes causamos uma total tristeza. Eu levo-lhe lá nos pântanos para que você aprenda a ver. Não posso ser o último a ser visitado pelos panos. – Me entende? (COUTO, 2003, p. 16).

Na tarde seguinte, o avô leva o neto mais uma vez ao lago e inquieta-se com o fato de não encontrar ninguém na outra margem. Então ele ordena ao menino que fique na canoa e sai dela, pisando em solo proibido. Espantado, o menino vislumbra seu avô na outra margem lhe acenando

com seu pano vermelho e então ele tira sua camiseta branca e acena de volta. E então o neto visualiza o pano vermelho de seu avô tornar-se branco. Ao remar de volta pra casa o menino lembra das palavras de seu avô, que ficou na outra margem do lago, “a água e o tempo são irmãos gêmeos, nascidos do mesmo ventre” (COUTO, 2003, p. 8)

A narrativa acaba com esse menino que já se tornara homem contando-nos que estava a repassar a tradição para o seu filho. “E eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria nunca de morrer. A esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando a vislumbrar os brancos panos da outra margem” (COUTO, 2003, p. 8).

De acordo com Chevalier e Gheerbrant (1996, p.15), os significados da água “podem reduzir-se a três temas dominantes: fontes de vida, meio de purificação, centro de regenerescência.” Visualiza-se que no conto a água tem uma leitura de universalidade, e ao tratar da criação, da vida, o elemento água se reveste de caráter mitológico. A água então, primeiramente tem sentido de dualidade entre começo e fim.

[...] a água, como, aliás, todos os símbolos, pode ser encarada em dois planos rigorosamente opostos, embora de nenhum modo irreduzíveis, e essa ambivalência se situa em todos os níveis. A água é fonte de vida e fonte de morte, criadora e destruidora (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1996, p. 16)

Percebe-se que existe uma simbologia por trás das cores dos panos que eram acenados. Principalmente, quando ao atingir a outra margem o pano vermelho do avô se torna branco, pode-se então deduzir que o vermelho simboliza a vida e o branco a morte.

[...] o branco pode situar-se nas duas extremidades da gama cromática. Absoluto [...] ele significa ora a ausência, ora a soma de todas as cores. Assim, coloca-se às vezes no início e, outras vezes, no término da vida diurna e do mundo manifesto [...] Mas o término da vida – o momento da morte – é também um momento transitório, situado no ponto de junção do visível e do invisível e, portanto, é um outro início. [...] É uma cor de passagem, no sentido [...] dos ritos de passagem: e é justamente a cor privilegiada desses ritos, através dos quais se operam as mutações do ser, segundo o esquema clássico de toda a iniciação: morte e renascimento (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1996, p. 1411. Grifos dos autores).

A religiosidade é um importante fator a ser analisado ao pôr em questão a história da civilização. A história de Moçambique, assim como de boa parte da África, vem ligada ao colonizador que impôs sua cultura e língua. Após quinze anos de guerra contra os portugueses, Moçambique consegue sua independência, em 1975, e tenta desde então eliminar esses traços do colonizador no continente. Esse colonizador buscou no país explorar marfim e escravos, como

explica Thomaz (2002), com essa colonização veio também a tentativa de civilizar esse povo com o intuito de rendê-los ao seu poder.

Na obra *O Outro Pé da Sereia* de Mia Couto, os navios saíram da Índia, e seguiram rumo à África. Primeiramente, padre Antunes questiona o motivo de enviar uma missão evangelizadora para terras desconhecidas e então D. Gonçalo esclarece os motivos da igreja para a escravização dos negros africanos.

- Tem sentido irmos evangelizar um império de que não conhecemos absolutamente nada?
- Você está cansado e o cansaço é inimigo do bem pensar.
- Pois eu nunca estive mais lúcido. Já pensou bem? Estamos descobrindo terras que nunca conheceremos, estamos mandando em gente que nunca governaremos. (COUTO, 2006, p. 160)
-
- Sabe, D. Gonçalo, o que levamos no porão das naus?
- Sei, são mercadorias.
- Nada disso, D. Gonçalo. Nós carregamos é o Diabo.
- Cruz credo, padre Antunes. Tenha tento nas palavras.
- É isso mesmo. É assim que fazemos nas conquistas: primeiro, segue o Diabo; só mais tarde é que enviamos Deus.
- As suas palavras são pecaminosas, meu filho.
- Desça lá baixo e veja com seus olhos, proferiu em desafio (...)
- Esses escravos, como você lhe chama, é um meio dos gentios se disciplinarem...(COUTO, 2006, p. 161/162).

Percebemos então que a obra "Nas águas do tempo" existe essa busca do povo moçambicano de valorizar a sua identidade cultural, seus traços religiosos e crenças, o avô e a mãe tem todo esse cuidado de preservar e perpetuar essas tradições. Mia Couto é um grande defensor desse movimento tão importante para o país.

A percepção do mundo real é um desafio a partir dos elementos simbólicos no homem, que busca explicar o que sente antes de racionalizar. Os personagens avô e neto refletiam os significados, conseguimos perceber então que o pensamento simbólico está intimamente ligado ao ser humano.

Depois viajávamos até ao grande lago onde nosso pequeno rio desaguava. Aquele era o lugar das interditas criaturas. Tudo o que ali se exibia, afinal, se inventava de existir. Pois, naquele lugar se perdia a fronteira entre água e terra (COUTO, 2003, p. 14).

Certa vez, no lago proibido, eu e vovô aguardávamos o habitual surgimento dos ditos panos. Estávamos na margem onde os verdes se encançam, aflautinados. Dizem: o

Anais do 17º Encontro Científico Cultural Interinstitucional – 2019

primeiro homem nasceu de uma dessas canas. O primeiro homem? Para mim não podia haver homem mais antigo que meu avô (COUTO, 2003, p. 15).

Ao narrar os acontecimentos, o neto situa também o espaço físico e o explica no plano simbólico. A natureza é depósito da memória ancestral que se reaviva na transmissão desse conhecimento. A sabedoria perpassada de geração á geração mostra-se de avô para neto e de pai para filho.

O mito da criação é visualizado na obra, em duas passagens: “Dizem: o primeiro homem nasceu dessas canas.” (COUTO, 2003, p. 15) e na fala do avô ao dizer, “Todo o tempo, a partir daqui, são eternidades.” (COUTO, 2003, p. 15) Em ambos os trechos está presente à origem do homem e o da eternidade que fundamentam a história.

Ao agregar o significado do sagrado o personagem neto alcança um significado universal para as crenças que lhe foram repassadas pelo avô, no trecho final, já situado em outra época o personagem conta essa reflexão que realizou do passado e como essa ocorrência ficou registrada no seu consciente.

Enquanto remava um demorado regresso, me vinham à lembrança as velhas palavras de meu velho avô: a água e o tempo são irmãos gémeos, nascidos do mesmo ventre. E eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria nunca de morrer. A esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando a vislumbrar os brancos panos da outra margem (COUTO, 2003, p. 17).

Há um movimento contínuo de passado-presente-futuro na obra, uma vez que o neto conta algo que acontecera no passado e deixa claro o futuro ao declarar que está preservando a tradição ao recontá-la ao filho.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao serem expostos e analisados os contos, percebemos que apesar da diferença entre os dois escritores, diferentes épocas, diferentes países, ambos possuem uma simbologia na retratação da morte e do tempo. Mia Couto escreve sobre o seu país, Moçambique (África), considerando que no período colonial do país, houve uma tentativa de apagar elementos culturais nativos, compreendemos que a busca pelas tradições é parte importante da formação dessa sociedade. Essa busca é uma das propostas de Couto ao estabelecer a temática de suas obras e assumir o papel de propagador das tradições e crenças de seu povo. Enquanto que, Guimarães Rosa propõe tematizar simbolicamente os segredos da existência humana, em seus 21 contos presentes no livro "Primeiras Estórias". Nesses contos o autor busca recuperar na escrita, a fala das personagens do sertão mineiro; a poesia presente nas imagens, sons e estruturas de uma linguagem que está à margem da

norma estabelecida pelos padrões urbanos. Portanto, podemos perceber semelhanças nas duas obras dos distintos autores. No conto “A terceira Margem do Rio” a morte é caracterizada pelo curso do pai para a terceira margem do rio, já em “Nas águas do tempo” a morte é caracterizada pela passagem do avô de uma margem a outra do rio. E nos dois casos os descendentes demonstram repassar essas tradições para as futuras gerações, principalmente ao narrar e escrever sobre, eternizando assim a história.

REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 10. ed. Coordenação de Carlos Sussekind. Tradução Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

COUTO, Mia. **Estórias abensonhadas**. 7. Ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

COUTO, Mia. **O Outro Pé da Sereia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROSA, Guimarães. **Primeiras Estórias**. 15. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

THOMAZ, Omar Ribeiro. **Ecoss do Atlântico Sul: Representações sobre o Teceiro Império Português**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

TIRO DE LETRA. **Entrevista com Guimarães Rosa**. Disponível em: <[www.tirodeletra.com.br/entrevistas/Guimarães Rosa – 1965. htm](http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/Guimarães_Rosa_-_1965.htm)> Acesso em: 10 de Julho de 2019.